

HISTÓRIA DAS IDÉIAS POLÍTICAS E CULTURA JURÍDICA NO BRASIL NA PASSAGEM À MODERNIDADE

Fabiana Cardoso Malha Rodriguesⁱ

“Mas, ainda assim, se quisermos inscrever o Código Civil à sombra de dois nomes que o tenham marcado com os sinais dos seus espíritos raros, creio que Clóvis Bevilacqua, realizando o Projeto, defendendo-o, impulsionando-o até o sucesso final, e Rui Barbosa combatendo-o, reescrevendo-o e reclamando para êle a perfeição e a grandeza, que o tornaram um monumento tabular da sociedade republicana, são os nomes a indicar.”ⁱⁱ

É a partir desse trecho, no qual pode ser percebida a importância dessas duas figuras históricas, intelectuais do campo do direito: Clóvis Bevilacqua e Rui Barbosa. Portanto, lançamos nossas questões, para a organização jurídica do Estado republicano brasileiro, objetivando analisar os componentes que, por estarem talvez pouco evidentes, passam de maneira despercebida para um pesquisador que se propõe o estudo do período de modernização das instituições brasileiras, ou mesmo o estudo dessas biografias.

A citação de abertura desse trabalho nos fornece um dos exemplos de referências às participações de Clóvis Bevilacqua e de Rui Barbosa no Código Civil de 1916, desde a elaboração do projeto, a sua discussão e a sua posterior promulgação. Assim, Clóvis e Rui são tomados, principalmente nos anos seguintes à promulgação do Código, como verdadeiros pilares, por vezes antagônicos, nos quais o Código está apoiado.

Ao apontarmos como objetivo a análise os aspectos não tão evidentes, estamos fazendo referência direta aos sentimentos e ressentimentos que se fazem presentes nessas trajetórias e que, de alguma forma, conduziram seus atos e influenciaram nos processos históricos dos quais fazem parte.

Sobre a questão da análise dos sentimentos e ressentimentos apontamos para o trabalho de Claudine Harocheⁱⁱⁱ que frente à essa pesquisa nos ajuda a identificar evidências que o debate entre Clóvis Bevilacqua e Rui Barbosa. A partir do convite para a elaboração do projeto de Código Civil as controvérsias ultrapassaram os aspectos meramente técnicos (juridicistas) ou políticos e mesmo lingüístas, e situou-se, também, no

plano das subjetividades (sentimentos e ressentimentos) envolventes relacionados ao reconhecimento intelectual dos contendores.

As suas trajetórias a partir dos fatos precisos constitutivos de suas vidas nos revelam biografias ricas, tanto no plano pessoal quanto no plano político, marcadas pelo caráter laudatório.

Clóvis Bevilacqua nasceu em Viçosa, na Serra de Ibiapaba, no interior do Ceará (CE) em 4 de outubro de 1859^{iv}, filho do padre José Bevilacqua, Vigário Geral de Viçosa.

Sobre esse dado, Noemia Paes Barreto Brandão analisa que talvez possa ser isso a causa do seu retraimento, pelo fato da existência de segmentos moralmente rígidos na sociedade e de preconceitos, num quadro de catolicismo arraigado às tradições^v.

Em 1878 ingressou na Faculdade de Direito do Recife, onde foi aluno de Tobias Barreto. Voltou-se, então, para o estudo do direito, fortemente influenciado por seu mestre e pelo empirismo evolucionista alemão, publicando, nessa época, seus primeiros ensaios sobre filosofia e direito comparado.

Foi colega na faculdade de Silvio Romero, Phaelante Câmara, Artur Orlando, Graça Aranha, Isidoro Martins Junior, José Higino e João Freitas. Este irmão de sua futura esposa Amélia^{vi}.

Um fato curioso sobre sua aproximação com Amélia é que ao aproximar-se da família do desembargador piauiense, Clóvis escolheu para casamento uma de suas filhas^{vii}.

Clóvis havia tido uma inclinação (mencionada por Noemia Brandão como platônica) pela irmã de Amélia, Ana Julieta, a segunda filha da família Freitas. Consta que o pai das moças convenceu Clóvis a optar pela Amélia, a mais velha. Noemia Barreto Brandão afirma que, segundo o depoimento da própria Amélia, a irmã teria sido sua consorte se o pai não intervisse achando que a mais velha deveria ser a escolhida.

À época do convite do presidente Epitácio Pessoa para preparar o projeto de Código Civil, Bevilacqua já despontava como mestre do direito, com diversas obras importantes, como *Direito das obrigações* (1896), *Direito de família* (1896), *Criminologia e direito* (1896) e *Direito das sucessões* (1899).

Em Pernambuco nasceram as filhas Floriza e Doris Thereza e no Rio de Janeiro, após alguns anos de sua chegada, Veleda e Vitória vieram a ser unir na qualidade de filhas caçulas. Na verdade, as meninas nascidas no Rio de Janeiro são filhas de Floriza, que por incompatibilidade de gênios, ela se separou do marido, tendo o casal Bevilacqua perfilhado as meninas^{viii}. Clóvis Bevilacqua morreu no Rio de Janeiro em 26 de julho de 1944.

Rui Barbosa nasceu em Salvador, Bahia, no dia 5 de novembro de 1849 e morreu em Petrópolis, Rio de Janeiro, em 1 de março de 1923. Bacharelado em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito de São Paulo. O seu ingresso na Faculdade de Direito de Recife foi em 1866, tendo realizado somente o primeiro e o segundo ano de estudos, transferiu-se para a Faculdade de Direito de São Paulo, onde realizou os três últimos anos de estudos. Sua mãe faleceu quando Rui estava no Recife, iniciando o curso jurídico. Sua irmã, Brites casou cedo, não foi feliz e desapareceu no mundo quando Rui Barbosa iniciava a carreira parlamentar.

Voltando a Salvador, estabeleceu banca de advocacia. Em 1878 foi eleito Deputado na Assembléia Provincial da Bahia passando a ser Deputado Geral em 1879.

Com a passagem à República, Rui Barbosa tomou posse como vice-chefe do Governo Provisório e da Pasta de Finanças. Escreveu o projeto da Carta Constitucional da República. Sendo dissolvido o Congresso por Deodoro da Fonseca, abandonou o cargo que ocupava, passando para a oposição.

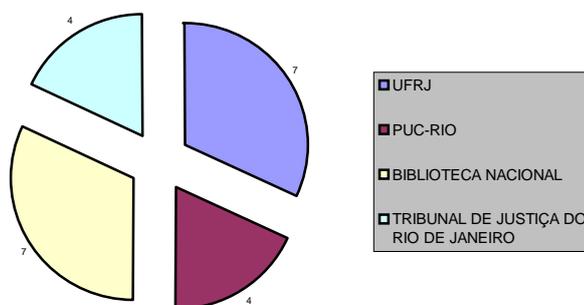
Em 1893, viu-se envolvido na Revolução da Armada, em virtude da qual foi exilado. Esteve na Argentina, Lisboa, Paris e Londres. Regressando para o Brasil, foi eleito Senador pela Bahia, em 1895. Rodrigues Alves, Presidente da República, designou-o como representante do Brasil na II Conferência de Paz, em Haia. De volta ao Brasil, candidatou-se à Presidência da República em oposição a Hermes da Fonseca, para o qual perdeu; foi membro criador da Academia Brasileira de Letras, e por algum tempo seu presidente.

Com relação a produção dos seus biógrafos, após a recolha do material dividido basicamente entre biografias sobre Clóvis Bevilacqua e sobre Rui Barbosa e obras produzidas por esses dois autores, em diversos fundos, escolhidos entre algumas das

principais bibliotecas públicas do Rio de Janeiro, entendendo sua importância por ter sido capital federal, foram elaboradas, a partir de diversas listagens produzidas, tabelas e gráficos a fim de facilitar a visualização de alguns importantes dados para essa nossa análise.

É importante aqui esclarecermos que nessas listagens constam as diversas edições publicadas a partir da mesma obra. Isso porque é nosso interesse destacar o volume de obras desses tipos constitutivas dos diversos fundos pesquisados. Dessa forma, trazemos o primeiro gráfico:

Biografias de Clóvis Bevilacqua - Publicações por Fundo



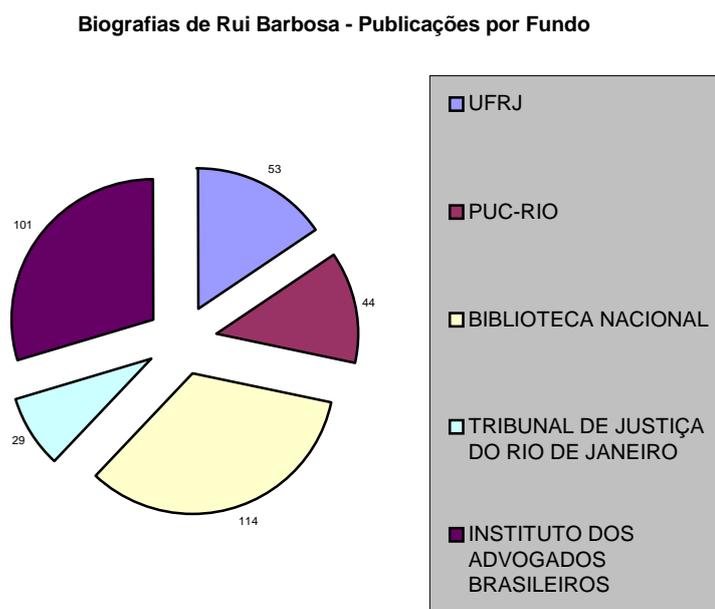
É interessante destacarmos a partir desse gráfico, o baixo número de biografias sobre Clóvis Bevilacqua existentes nesses fundos. Tal fato, se cruzado com a tabela produzida a partir das publicações desse tipo de obras por ano, torna mais evidente a questão da existência de um número reduzido de biografias sobre Clóvis Bevilacqua se comparado a Rui Barbosa. Para isso, apontamos a tabela seguinte que diz respeito a publicação de biografias de Clóvis Bevilacqua por ano^{ix}:

1948	1
1956	1
1959	3
1960	4
1961	1
1962	1
1989	2
1990	3
1992	1

1995	1
1997	1
2001	1
?	2

Atentamos para o fato que somente quatro anos após a sua morte, temos a primeira biografia publicada e é no momento anterior à ditadura e posterior à ditadura é que temos um maior número de biografias publicadas, o que também corresponde à dizer que é nos momentos de democratização que vemos a trajetória de Clóvis Bevilacqua ser revisitada.

Em relação a Rui Barbosa temos, em primeiro lugar, o gráfico que nos mostra as publicações por fundo:



É evidente a diferença existente entre os números de biografias publicadas sobre Clóvis Bevilacqua e Rui Barbosa. Sobre o último autor, não só pelo fato de existir uma Fundação^x que tem como objetivo a preservação da sua memória, mas também efetivamente ser um autor bastante biografado.

Aqui ficou para nós, em função do tipo de entrada permitida no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa^{xi}, impossível contabilizarmos o número de publicações desse tipo nesse fundo. Esse centro de documentação aparecerá no capítulo seguinte, no qual serão apresentadas as publicações que versam de modo mais amplo sobre as obras completas de Rui Barbosa.

Ao cruzarmos esse gráfico com a tabela produzida a partir das publicações das biografias sobre Rui Barbosa por ano, apontamos outros elementos. Vejamos a seguinte tabela^{xii}:

1914	1	1929	2	1944	4	1956	6	1973	10	1984	6	1999	28
1916	2	1930	1	1945	3	1957	4	1974	4	1985	3	2000	16
1917	2	1932	1	1948	2	1958	13	1975	3	1987	3	2001	10
1919	1	1933	1	1949	42	1959	1	1976	2	1988	3	2002	8
1920	1	1934	1	1950	8	1960	2	1977	6	1989	1	2003	3
1921	1	1935	2	1951	2	1962	2	1978	4	1994	7	2004	3
1923	1	1938	2	1952	4	1964	3	1980	3	1995	2	?	49
1924	1	1941	1	1953	3	1965	6	1981	2	1996	1		
1926	2	1942	2	1954	8	1967	7	1982	2	1997	2		
1928	1	1943	2	1955	3	1972	4	1983	3	1998	1		

Notamos que a primeira biografia sobre Rui Barbosa data de 1914, ou seja, sete anos antes de sua morte. Além disso, as publicações de suas biografias perpassam todas as décadas, desde a primeira publicação não havendo interrupção em nenhum dos períodos vividos na história do Brasil. Também apontamos para o altíssimo número de publicações em 1949, totalizando 42, ano do seu centenário.

Atentamos também para a segunda data de maior publicação de biografias de Rui Barbosa: 1999, totalizando 28 exemplares. Talvez por ser o ano de comemoração dos 150 anos de seu nascimento. Com isso, apontamos para a existência de um certo insensamento da sua figura que perpassa já todo o século XX. Apontamos para a existência, na figura de Rui Barbosa e para o campo jurídico, que ultrapassa a sua experiência, e que é responsável pela permanente atualização da característica simbólica da sua existência para esse campo.

Já com relação ao conteúdo dos trabalhos desses biógrafos destacamos o tom que marca as narrativas das suas trajetórias, suas vidas estão diretamente relacionadas ao processo de aprovação do Código Civil. É em direção a ele que suas trajetórias caminham e é a partir dele que suas vidas são contadas.

Aqui chamamos atenção para um dado: Rui Barbosa torna-se um símbolo, um conjunto de idéias, uma espécie de personalidade que ultrapassa a constituição de um indivíduo, mas que reflete as aspirações talvez de alguns segmentos da sociedade.

Dessa forma, ele é o que essas camadas esperavam que a sociedade se propusesse a ser, quase como a personificação do desejo desse projeto na passagem à modernidade que permanece sendo revisitado pelos que se propõem a estudá-lo.

O destaque para esse elemento é interessante, pois a partir dessa reflexão buscaremos entender em quais bases está assentado esse revisitar sempre tão atual no Brasil dessa figura histórica, das suas obras, dos seus pensamentos e dos atos.

A partir dessas considerações, percebemos que em relação às narrativas acerca da trajetória de Clóvis Bevilacqua, o caráter pessoal caminha rumo ao público, ou seja, é forte a presença de elementos de sua vida pessoal e é ela quem o leva ao mundo da política, pouco a pouco.

Sobre Rui Barbosa, contrariamente, é o caráter da sua vida pública que está em evidência. As narrativas dão um caráter político à sua existência na totalidade. A sua vida pessoal existe em função da sua vida pública, fica para nós uma imagem, acima de tudo, de um homem público, quase que esculpido para isso, nascido pronto para a vida pública.

Com isso, também é de nosso interesse investigarmos o quanto existe de intencional em fragilizar a trajetória de Clóvis frente a intenção em ressaltar a destreza de Rui para a vida pública, num período ainda muito marcado pela disputa ideológica diante da recente promulgação do Código Civil.

Diante do processo de modernização brasileira a análise dos sentimentos e ressentimentos dessas figuras históricas torna-se possível, entendendo-a assim, após ter tornado evidente suas implicações nos processos históricos ocorridos no período por elas vivido. Essa análise aponta para a existência de uma disputa que ultrapassa as questões políticas e que, se entendidas no plano dos sentimentos, ajudam-nos a dimensionar melhor o quadro político do período vivido.

Dessa maneira, essa inicial análise aponta para uma disputa que ainda hoje está presente nos que levam a diante a tarefa de insensar a figura histórica que ultrapassou a conformação de um indivíduo e transformou-se em capital simbólico para os campos da política e da justiça.

ⁱ Aluna do Programa de Pós-graduação (Doutorado) em História - Universidade Federal Fluminense/UFF.

ⁱⁱ DANTAS, San Tiago. *Figuras do direito*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1962, p. 78.

ⁱⁱⁱ Claudine Haroche é diretora do CNRS – *Centre de Reserches Politiques de la Sorbonne* (Universidade Paris I) e desenvolve pesquisa nas áreas de política, economia política e economia moral. Nos seus trabalhos articula uma análise do processo de individualização à luz dos direitos nas sociedades democráticas contemporâneas aliado à questão do reconhecimento como garantidor da posse desses direitos. Dessa maneira, assinalo que o conceito de reconhecimento é um refinamento da questão moderna de indivíduos como portadores de direitos, estando intrinsecamente ligado à idéia de justiça e de injustiça.

^{iv} Dia da morte de São Francisco de Assis, como nos lembra a autora Gizlene Neder em seu texto:

NEDER, Gizlene. *Amélia e Clóvis Bevilacqua: o casamento, o casal e a idéia de indivíduo*. ANPUH Regional, mimeo., 2002.

^v BRANDÃO, Noemia Paes Barreto. *Clovis Bevilacqua na intimidade*. Rio de Janeiro: edição da autora, 1989.

^{vi} “Filhos do desembargador Manoel de Freitas, magistrado e presidente das Províncias do Maranhão e Pernambuco. Seu futuro cunhado, Otávio de Freitas foi o fundador da Faculdade de Medicina de Pernambuco. Tratava-se de família muito importante no quadro da administração do Império brasileiro no segundo reinado, cuja origem era o Piauí”, In: NEDER, Gizlene. *Amélia e Clóvis Bevilacqua: o casamento, o casal e a idéia de indivíduo*. op. cit. p. 11.

^{vii} Segundo Noemia Paes Barreto Brandão, filha de um grande amigo de Clovis, Carlos Xavier Paes Barreto, seu aluno na Faculdade de Direito de Recife, afillhado de casamento e amiga das filhas caçulas que lhe deram acesso a várias informações para seu livro:

BRANDÃO, Noemia Paes Barreto. *Clovis Bevilacqua na intimidade*. op. cit.

^{viii} Sobre essa questão ver:

BRANDÃO, Noemia Paes Barreto. *Clovis Bevilacqua na intimidade*. op. cit.

^{ix} Nessa tabela, o símbolo ? diz respeito às publicações nas quais não foi possível identificar o ano de publicação.

^x A Fundação Casa de Rui Barbosa tem sede na casa onde residiu Rui Barbosa entre 1895 e 1923, data de sua morte. Comprada pelo governo brasileiro em 1924, juntamente com a biblioteca, os arquivos e a propriedade intelectual das obras de Rui Barbosa, a casa foi aberta ao público como museu - o primeiro museu-casa do Brasil - em 1930.

^{xi} Na ocasião da pesquisa (24/06/04) e tendo sido posteriormente revisitada (27/12/04) era disponibilizada para o pesquisador, através do atendimento on-line, somente um link de pesquisa de âmbito mais geral: “obras completas de Rui Barbosa”.

^{xii} Esclarecemos que o símbolo ? diz respeito às publicações nas quais não foi possível identificar o ano de publicação.